

**A INTEGRAÇÃO HISTÓRICA DOS MONUMENTOS
EPIGRÁFICOS
THE EPIGRAPHIC MONUMENTS – THEIR HISTORIC
INTEGRATION**

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Universidade de Coimbra

ide@fl.uc.pt

A integração histórica dos monumentos epigráficos

The epigraphic monuments – their historic integration

José d'Encarnação

Historial do artigo:

Recebido a 12 de abril de 2018

Revisto a 25 de maio de 2018

Aceite a 26 de maio de 2018

RESUMO

Procura mostrar-se, com exemplos da actualidade e da época romana, como os contextos cronológicos e geográficos constituem elementos imprescindíveis a ter em conta na integração histórica dos monumentos epigráficos, quer se trate de meros *grafitti* ou do altar dedicado ao génio por um colono romano quer de cópias de monumentos antigos, cópias que são também indício duma mentalidade.

Palavras-chave: toponímia, neoclassicismo, cópias, mentalidade.

ABSTRACT

This paper tries to show itself, with examples of the present time and of the Roman time, as the chronological and geographic contexts are indispensable elements to take into account in the historical integration of the epigraphic monuments, whether it be mere *graffiti* or the altar dedicated to genius by a Roman settler or copies of ancient monuments, copies which are also a sign of a mentality.

Key-words: toponymy, neoclassicism, copies, mentality.

1. Introdução

Os que lidam com a História sabem perfeitamente que um facto só é cabalmente compreensível se dele se conhecerem dois factores imprescindíveis: o tempo e o lugar.

Explicam-se bem os *grafitti* que enxamearam as paredes das nossas cidades e vilas logo após o 25 de Abril, manifestando alegria ou apelando à mobilização contra eventuais desvios revolucionários.

Essa entrada das mensagens epigrafadas no nosso horizonte quotidiano determinaria, pois, o grande incremento que os estudos epigráficos vieram de imediato a conhecer nas universidades europeias, rapidamente acarinhados também no Brasil (BORGES, GOMES: 2018).

Entre nós, para além da Universidade de Coimbra (ENCARNAÇÃO, 2018), a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nomeadamente através de investigadores como Manuela Alves Dias, Amílcar Guerra e José Cardim Ribeiro, tem-lhes dado o mais amplo contributo.

À Dra. Manuela Alves Dias, ligada actualmente ao Instituto de Estudos Clássicos, se deve a ideia, no âmbito do levantamento exaustivo das inscrições romanas do território português, de criar o *Ficheiro Epigráfico* destinado a publicar com celeridade o que de inédito nesse domínio se fosse encontrando (2); integra esta investigadora a comissão portuguesa para a nova edição do volume II (*Hispania*) do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e projectos de investigação internacionais, como o FERCAN, que se debruça, de modo especial, sobre a análise filológica da teonímia pré-romana.

É José Cardim Ribeiro o grande obreiro do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), seguramente (depois do Museu Nacional de Arqueologia) o museu que contém maior número de epígrafes, de sorte que o podemos considerar um verdadeiro museu epigráfico (SUSINI, 2001). Deve-se-lhe também a concepção e organização de uma das maiores manifestações do poder documental dos monumentos epigráficos, sobretudo no que respeita à idiosincrasia religiosa romana: a exposição *Religiões da Lusitânia* no Museu Nacional de Arqueologia (RIBEIRO, 2002).

Por seu turno, Amílcar Guerra foi discípulo de Jürgen Untermann, que lhe orientou a tese de doutoramento (GUERRA, 1998), na qual, para esclarecer o significado de topónimos e de etnónimos, as fontes epigráficas constituíram fonte primordial. Daí que seja especialmente nessa direcção que se tem encaminhado, privilegiando amiúde a análise filológica tão do agrado do seu Mestre e aplicando-a aos teónimos pré-romanos (v. g., GUERRA, 1996, 2002, 2008 e 2009), pelo que integra também o FERCAN e a comissão organizadora dos colóquios sobre línguas e culturas paleo-hispânicas. Como docente, encaminhou naturalmente para a área da Epigrafia os seus alunos, de forma que já podemos contar com trabalhos realizados nesse domínio. Poder-se-ão citar, a título de exemplo: **Maria João Santos (2006), Susana Santos (2006), Andreia de Almeida (2006), Susana Santos (2006), Júlia Almeida (2012), Sílvia Teixeira (2014), Sara Reis (2015), Pedro Marques (2006 e 2016).**

É de crer que as iniciativas pontuais que estão a surgir noutras universidades portuguesas (Porto, Minho, Évora, Universidade Aberta...) darão azo a um potenciar de interesse por esta área científica. Note-se que, na Faculdade de Letras do Porto, Mário Barroca se doutorou, a 26.03.1996, com a monumental tese, publicada (2000), sobre Epigrafia Medieval. O I volume constitui um verdadeiro tratado sobre a ciência epigráfica e, no volume III, há um anexo (p. 5-50) com as fichas de 116 inscrições paleocristãs portuguesas (séculos V a VIII) e outro (p. 51-94) com as fichas de 67 epígrafes muçulmanas e 16 judaicas. É de esperar, por conseguinte, que discípulos seus se encaminhem pelos estudos epigráficos, a que já Armando Coelho Ferreira da Silva dera impulso (2007).

Antes, porém, de nos determos sobre aspectos concretos da investigação específica para que a Epigrafia nos leva, permita-se-me que assinale o seu carácter englobante, bem patente no tema que o Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro propôs para uma Oficina de Epigrafia: «Os olhares do corpo... em epigrafia». Um título deveras sugestivo, que viria a ser explicitado assim:

1 – Olhar terno, olhar dorido

1.1 Os epitáfios, reflexo da vida familiar e afectiva

1.2 O diálogo entre os vivos e os mortos

1.3 A decoração: olhar perpetuado no Além!

2 – O olhar devoto

2.1 Os ex-votos a divindades, um olhar no Sobrenatural

2.2 – Diferentes deuses, diferentes olhares

3 – O olhar político

3.1 – A homenagem aos “amigos”

3.2 – A benemerência do Amigo

3.3 – O olhar do imperador

4 – O olhar... malicioso!

– O mundo insuspeitado dos frescos e dos *grafitti*.

Uma perspectiva insuspeitada, de facto, sobre um mundo insuspeitado, através dos monumentos epigrafados!...

2. As Placas das Nossas Ruas

Raramente olharemos com uma interrogação de historiador para as placas toponímicas e outras que estão nas nossas ruas: porque é que a rua tem este nome? Quando lhe foi atribuído e porquê? Quem é a personalidade cuja memória assim se perpetua? (3)

Numa placa de esmalte, que, na década de 60 do século passado, o construtor decidiu manter no prédio que recuperara, no centro histórico cascalense, lia-se o seguinte (**vd. Figura 3.**):



Figura 3. Placa de esmalte fotografada no centro histórico de Cascais. **Fonte:** Guilherme Cardoso.

É PROHIBIDO AFFIXAR

ANNUNCIOS N'ESTE PREDIO

Para além de se louvar a atitude cultural de querer manter uma placa antiga no lugar onde, algumas décadas atrás, ela estivera, de facto, afixada, há toda uma série de perguntas que um docente, em visita de estudo da sua turma, poderia pôr aos estudantes:

- De que material é feita?
- É bem diferente da actual a grafia apresentada, porquê?
- Que significa exactamente a palavra prédio?

– Se se aponta para uma proibição de ali anunciar, quem teria o poder de proibir e, imaginando que se trata de placa da 1ª metade do século XX, que se anunciaria então pelas paredes?

Este exemplo leva-me a um outro – e, como se vê, já estamos a entrar em pleno no domínio dos monumentos epigráficos, ou seja, aqueles que valem de modo especial pelo que sobre eles se escreveu e perdurou – que tive ocasião de fotografar num lugar escuso da cidade de Roma. Reza assim (vd. **Figura 4.**):

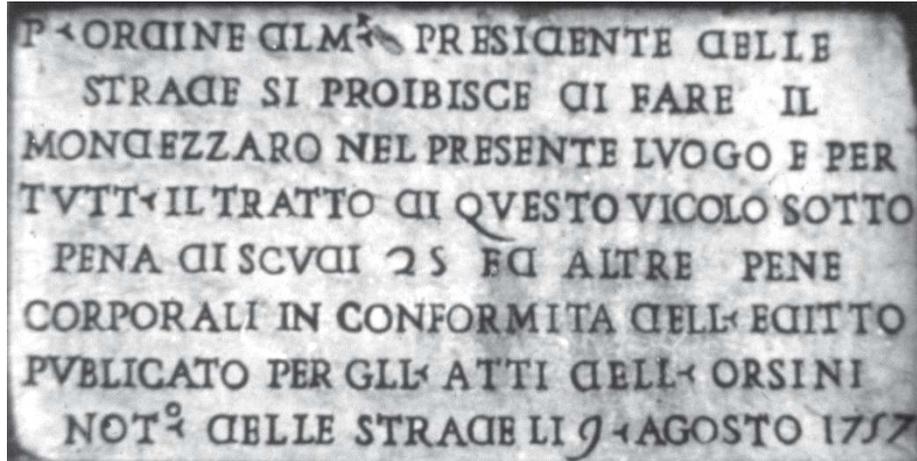


Figura 4. Placa na cidade de Roma. **Fonte:** o autor.

«P(er) ordine del ministro Presidente delle Strade si proibisce di fare il mondezzaro nel presente luogo e per tutto il tratto di questo vicolo sotto pena di scudi 25 ed altre pene corporali in conformità dell’editto pubblicato per gli atti dell’Orsini notaio delle strade li 9 Agosto 1757».

Percebe-se bem o intuito: era o recanto de um beco, uma tentação para, recatadamente, o cidadão se poder ‘aliviar’ sem que alguém passasse por perto. Estamos na 2ª metade do século XVIII, quando, pela Europa, começaram as preocupações higiénicas (recordamos as iniciativas, entre nós, de Pina Manique, intendente geral da polícia de D. Maria I), pois se concluíra que muitas pestilências eram devidas ao escasso ou nulo asseio dos lugares públicos. Caberá aos historiadores especializados tecer considerações sobre o valor real, na altura, da multa de 25 escudos (curiosa a designação, que Portugal irá adoptar muito mais tarde), mas não ficaremos indiferentes ao saber que, além da multa, poderiam ser aplicadas algumas chicotadas a condizer...

2. A Língua das Epígrafes

Naturalmente, na placa de Roma, foi o italiano a única língua utilizada, pois que romanos seriam os que, à socapa, ali poderiam transgredir; contudo, com a globalização – iniciada, convém não esquecer, com o aparecimento, em finais do século XIX, do hábito de «ir a banhos» e com o avanço tecnológico que sofreu a indústria automóvel, a dar possibilidade a muitos de se deslocarem para um «tour» – o mundo começou a ser mais pequeno e as fronteiras mais facilmente transponíveis. Urgia, pois, em determinadas circunstâncias, usar não apenas a língua indígena, mas uma outra também, que foi primeiro o francês e só bastante mais tarde o inglês.

Há, no entanto, nesse âmbito, de modo especial a partir do último quartel do século XX, fenómenos que só o lugar e o tempo podem explicar devidamente. Assim, até no singelo cartão (4) que, no Hotel Carandá, em Braga, se poisa, à noite, sobre o travesseiro dos hóspedes a desejar-lhes uma boa noite, se usa a expressão em cinco línguas, por esta ordem: português, inglês, francês, espanhol e alemão (vd. **Figura 5.**)



Figura 5. Cartão de boas noites no Hotel Carandá (Braga). **Fonte:** o autor.

O português em primeiro lugar porque se está em Portugal; contudo, denuncia a ordem seguida que essa será a ordem decrescente do número de clientes do hotel. E não nos admiraria que, noutra época, a ordem passasse a ser outra, se, por exemplo, o número de espanhóis aumentasse substancialmente. O fluxo turístico constitui, aqui, o motor determinante da escolha sequencial.

Experimentemos dar uma saltada a Nancy, cidade francesa situada no designado 'Grande Leste'. Um painel com os contornos de um jogador de golfe (vd. **Figura 6.**) guarda a entrada do minigolfe, no jardim principal: dá as boas-vindas e agradece a visita. Também aqui a escolha sequencial não foi aleatória, mas teve em conta o número de visitantes: primeiro, os franceses, depois os ingleses, os alemães, os espanhóis e... os portugueses! Assim ficamos a saber que existirá por perto, quiçá na própria cidade, uma não despicienda comunidade lusa.



Figura 6. Painel à entrada do campo de minigolfe, no parque infantil de Nancy. Fonte: o autor.

3. O Respeito pelas Pedras Escritas

Mesmo que se não compreenda o significado de um escrito, é curioso verificar como, em todos os tempos, se verificou um respeito pela face epigrafada de uma pedra. Quando se procedia, por exemplo, à reconstrução ou à remodelação de um edifício, se se encontrava uma pedra com letras, o mais normal era que os operários deixassem essas letras à vista (ENCARNAÇÃO, MARQUES, 2017; vd. Figura 7.).



Figura 7. Estela romana embutida na frontaria da capela de S. João (Lobão da Beira, Tondela). **Fonte:** Jorge Adolfo Marques.

A escrita deteve sempre um carácter mágico e daí deriva a circunstância de se compreenderem perfeitamente duas atitudes opostas:

– uma, essa, a da preservação, concomitante com a vontade de que um facto que se considera de suma importância careça de ficar imortalizado na «pedra», que solenemente se descerra;

– outra, a de destruir essas letras, quando o que lá está escrito for acoimado de maldição.

Dessa atitude há exemplos na época romana: sempre que um imperador ou uma pessoa relevante era amaldiçoada, havia a preocupação de lhe martelar o nome nos monumentos públicos (**vd. Figura 8.**); chamava-se a isso a *damnatio memoriae*, «condenação da memória», como se, apagando da pedra o nome, a sua memória se esvaísse na noite dos tempos... (5)



Figura 8. *Damnatio memoriae* num cipo honorífico, em Óstia (Roma). Fonte: o autor.

O neoclassicismo dos séculos XVIII e XIX teve, pois, o maior cuidado em preservar os monumentos epigráficos. Nem todos compreendiam cabalmente o que lá estava escrito, mas todos sabiam tratar-se de mensagem que o povo romano quisera deixar e importava, por isso, salvaguardá-la. Amiúde, todavia, a atitude adoptada não mereceria hoje o nosso aplauso: se a pedra estava delida, se mal se lia, a preocupação foi de copiar o letreiro e pô-lo a salvo, deixando de parte o original, que dele se não precisava já, a cópia o substituíra perfeitamente. Outra mentalidade, portanto, que na actualidade lamentamos, mas que se compreende e que não podemos senão agradecer: mesmo com erros de cópia, quase sempre nos é possível reconstituir o texto original.

Foi embutida na parede sul da igreja matriz de Cuba (do Alentejo) cópia do epitáfio de *Terentius Chrysogonus* (IRCP 334). A seguir ao texto em latim, vem uma informação de que felizmente houve notícia, pelo que se logrou saber o significado das siglas: é que quem fez a cópia do epitáfio se identificou com as siglas do seu nome – F(rancisco) J(osé) O(liveira) – e teve o cuidado de acrescentar a data em que o fizera: A(nno) D(omini) MDCCXXIV, «no ano do Senhor de 1724».

Quando, em Bobadela, de Oliveira do Hospital, se construiu uma nova igreja para substituir a anterior, houve também o cuidado de para lá trasladar, em cópia, inscrições que nela se encontravam (ENCARNAÇÃO, 2018). Reza uma delas o seguinte:

SPLENDIDISSIME CIVITATI IV =

LIA MODISTA PLAMINIA

E, dos lados da epígrafe latina, no mesmo tipo de letra, do lado esquerdo:

ESTE

LETRº

SE A =

À direita:

CHOVNA

JGRAVE

LHA

A data de 1746 figura do lado direito, dentro de um rectângulo.

Como é fácil de deduzir, mesmo sendo cópia perfeitamente datada, porque se declara «Este letreiro se achou na igreja velha – 1746», trata-se de inscrição da maior importância, pois teria sido, originalmente, gravada num lintel, de que apenas parte se terá identificado ou, pelo menos, salvaguardado. Em Bobadela existiria, no tempo dos Romanos, uma povoação a que se dera o pomposo título de *splendidissima civitas*, «cidade de máximo esplendor», e nela floresceria o culto ao imperador, porque é de supor que a epígrafe se destinasse a ser afixada em monumento dedicado a um imperador, uma vez que a dedicante fora a *flaminica Iulia Modesta*, sacerdotisa, portanto, do culto imperial. Mesmo que não houvesse a informação escrita, não seria difícil considerar o letreiro uma cópia, quer porque, em Latim, os ii não levavam pintinha, quer porque se lera I em vez de E (as barras horizontais estariam imperceptíveis) e P em lugar do F (confusão compreensível).

Outro exemplo. Quando, no dealbar do séc. XIX, começaram as investigações junto a Santiago do Cacém, no que viria a ser considerada a cidade romana de *Mirobriga*, acharam-se inscrições; de algumas dessas epígrafes se fez cópia e preparou-se mesmo um paralelepípedo de mármore cinzento, guardado hoje no Museu Municipal, em cuja face dianteira se lê (**vd. Figura 9.**):

PRECIOSOS MO/NUM^{tos} DA ANTIGV^e / TRASLADADOS DAS / RUINAS DA ANTIGA / MIROBRIGA /
A. D. 1809 / P. O. D P

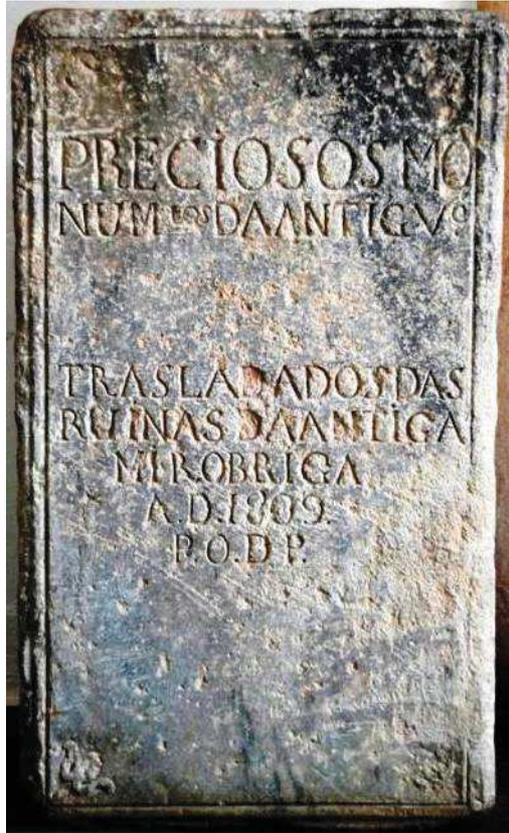


Figura 9. Inscrição em Santiago do Cacém. Fonte: o autor.

Não me foi possível chegar a uma conclusão acerca do significado das siglas finais, sendo aliciante ver aí algo como P(or) O(rdem) D(o) P(ovo), o que denotaria o imediato envolvimento da população no começo das escavações aí então levadas a efeito pelo bispo Frei Manuel do Cenáculo; mas é pouco provável tal desdobramento.

Essas cópias, que também ainda subsistem, não oferecem dúvidas quanto à autenticidade do original a partir do qual foram efectuadas, decerto porque ainda estavam bem legíveis, mas compreende-se, por exemplo pela molduração, que não são originalmente de época romana.

5. O Lugar

Os testemunhos atrás aduzidos documentam já o que nos propuséramos tratar: a importância do espaço e do tempo para se compreender o verdadeiro significado de um documento epigrafado.

Permita-se-me que – ainda que de um outro prisma – eu fale do lugar.

Uma epígrafe romana achada em Caires, no concelho de Amares, está dedicada ao Génio por *Quintus Sabinus Florus* (vd. Figura 10.).



Figura 10. Altar dedicado ao Génio. Fonte: Maria Manuela Martins.

Tive ocasião de estudar este altar e de analisar, de modo particular, a onomástica do dedicante, uma vez que se me afigurava não haver muitos testemunhos da família *Sabinia* na epigrafia da Península Ibérica (ENCARNAÇÃO, 1983). Isso confirmei. E, como o *cognomen* (*Florus*) também era genuinamente latino, não tive dúvidas em interpretar o significado da epígrafe, tendo em conta, além disso, que, do ponto de vista paleográfico, o monumento me parecia datável, sem grande dúvida, dos primórdios do século I da nossa era.

Poderíamos imaginar assim o que terá acontecido: vindo, porventura, da Península Itálica, Floro chegou ali; viu que o local era bom para se instalar com os seus e decidiu ficar; antes, porém, necessitava de cumprir a tradição ancestral: pedir autorização à divindade que superiormente protegia aquele território. Não teve indígenas com quem entabulasse conversações, a fim de saber que divindade seria, até porque, certamente, era bem possível que não se entendessem cabalmente, porque os indígenas ainda não falariam latim. Tomou, por isso, a decisão acertada: erigiu altar ao Génio do lugar; desconhecia-lhe o nome característico, pôs somente *Genio* – e foi o bastante para se sentir bem com a sua consciência e poder lavar a terra, abrir os caboucos para a sua casa, que o Génio o haveria de abençoar, pois de boa vontade – *libens* – lhe prestara o devido preito de submissão.

Conclusão

Já recordei noutro lugar o facto de um historiador famoso ter ficado para trás do grupo em que ia, porque lhe chamara a atenção a conversa animada de várias pessoas junto das quais estavam a passar. Parara, a fim de se inteirar da situação, por mera curiosidade. Os colegas aperceberam-se de que ele os não acompanhava e perguntaram-lhe que interesse vira ele, sendo historiador, no que ali se estava a passar:

– Muito simples – explicou. – Historiador que se preza deve saber viver o seu tempo, ter curiosidade, para melhor compreender o passado que estuda.

Assim fizemos.

Epigrafista que se preza não pode deixar de se interrogar a todo o momento sobre o porquê de uma placa bilingue e qual a razão de estar em primeiro lugar uma língua e não a outra. Porque é que se proíbe e se ameaça com vergastadas? Este letreiro é original ou é uma cópia e, se é uma cópia, que motivo levou o seu autor a fazê-la? Que queria ele demonstrar?

Ao responder-se a todas essas questões, avalia-se o tempo em que tal se escreveu (com o fim de perdurar para sempre!) e o lugar para que foram pensadas.

O construtor cascalense de meados do século passado decerto nem sequer se terá perguntado porque é que, 50 ou 40 anos atrás, já se haviam de anunciar pelas paredes, sujando-as, as récitas, as touradas ou os bailes de benefício. Muito simplesmente, terá achado bonito o azul da placa esmaltada, também a ele não agradaria que lhe viessem conspurcar as paredes da nova casa – e assim a mandou pregar, agora que a publicidade aumentava de dia para dia e não apenas para obras de beneficência... Sem o querer, immortalizou, também ele, uma lição!

12 de Abril de 2018

NOTAS

(1) A expressão tida como original «Os autores de grafitos serão multados» foi 'corrigida' para: «Os que gostam de grafitos ficarão unidos por um louco amor». Tanto num caso como no outro, o papel dos grafitos no quotidiano é bem evidente.

(2) Criado em 1982, este suplemento da revista *Conimbriga*, editado pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, está, no 1º trimestre de 2018, no seu 164º número, com quase 700 monumentos epigráficos publicados.

(3) Cf. Encarnação 2014.

(4) Perdoe-se-me se utilizo um exemplo que, por se tratar de epígrafe em cartão (**vd. Figura 5.**), não se inscreve de pleno direito no domínio da ciência epigráfica, onde uma das características habitualmente referidas é o carácter duradouro do suporte. A reflexão que ele permite poderia ser feita, porém, com igual rigor, se o suporte fosse, por exemplo, uma placa de plástico ou letreiro pregado na parede.

(5) É bem conhecido o facto de, em sessões de bruxaria, por todos os tempos, o nome da pessoa para que se deseja mal ser picado com alfinetes, para se lhe provocar atroz sofrimento ou, até, a morte.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Andreia Vivaldo Nunes de - **A antroponímia na epigrafia romana de Felicitas Iulia Olisipo: contributo para o estudo social, político e económico do *municipium* na época imperial**. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, defendida a 20.11.2006, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALMEIDA, Júlia - **Contributo para o conhecimento das elites olisiponenses**. Dissertação de Mestrado em História Antiga, defendida em 2012, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BARROCA, Mário - **Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)**. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2000.
- BORGES, Airan dos Santos, GOMES, Raquel de Moraes Soutelo [org.] - **Escrito para a Eternidade (A Epigrafia e os Estudos da Antiguidade)**. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- ENCARNAÇÃO, José d' - **Apostilas epigráficas – 7)**. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21, 2018 (no prelo).
- ENCARNAÇÃO, José d' - **Bilinguismo epigráfico**. A publicar num Anexo da revista *Veleia* (Universidade do País Basco, Vitória) previsto para 2019.
- ENCARNAÇÃO José d', MARQUES, Jorge Adolfo M. - **Ara romana reaproveitada na capela de S. João (Lobão da Beira, Tondela) (*Conventus Scallabitanus*)**. In *Ficheiro Epigráfico*, 155, (2017), inscrição nº 619.
- GUERRA, Amílcar - **Os nomes do rio Lima. Um problema de toponímia e geografia histórica**. In *Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Coimbra)*. Salamanca, 1996, p. 147-161.
- GUERRA, Amílcar - **Nomes Pré-romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular**. Dissertação de doutoramento, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.
- GUERRA, Amílcar - ***Omnibus Numinibus et Lapitearum: algumas reflexões sobre a nomenclatura teonímica do Ocidente peninsular***. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5/1, (2002), p. 147-159.
- GUERRA Amílcar - **La documentation épigraphique sur *Endovellicus* et les nouvelles recherches dans son sanctuaire à S. Miguel da Mota**. In HAESSLER (R.), KING (A. C.) [eds.], *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West*, Série suplementar nº 67, vol. 2. *Journal of Roman Archaeology* (2008), p. 159-167.
- GUERRA, Amílcar - Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do Sudoeste hispânico. *Palaeohispanica*, 9 (2009), p. 323-338.
- MARQUES, Pedro Miguel Correia - **Divindades paleohispánicas e cultos romanos no *Conventus Scallabitanus***. Dissertação de mestrado defendida, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 17.02.2006.

MARQUES, Pedro Miguel Correia - **A Epigrafia da Hispania na Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos**. Tese de doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 18-07-2016.

REIS, Sara Henriques dos - **Religião e Sociedade no Municipium Olisiponense**. Dissertação de mestrado defendida, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 08.04.2015.

RIBEIRO, José Cardim [coord.] - **Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa**. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002.

SANTOS, Maria João Delgado Correia dos - **O sacrifício animal no Ocidente da Hispania romana: os ritos de tradição indo-europeia**. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 17.02.2006.

SANTOS, Susana Gabriela Mendes dos - **O latim das inscrições romanas em território português até à queda do império**. Dissertação de mestrado em Estudos Clássicos, área de especialização em Literatura Latina, defendida em 07.04.2006, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da, **A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal**, Paços de Ferreira, 1986 (2ª edição, 2007).

SUSINI, Giancarlo - **Em Sintra, entre os “livros” esculpidos pelos nossos avós**. *Al-madan*, Centro de Arqueologia de Almada, 10 (Dezembro 2001), p. 210-211.

TEIXEIRA, Sílvia Monteiro - **Cultos e cultuantes no sul do território actualmente português em época romana (sécs. I a. C. – III d. C.): uma aproximação à sociologia das religiões**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, defendida em 2015, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

ENCARNAÇÃO, José d' - **O culto ao Génio no Noroeste peninsular**. [Em Linha]. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, 2, (1985), p. 41-49. Disponível em [www//URL: http://hdl.handle.net/10316/20121](http://hdl.handle.net/10316/20121)

ENCARNAÇÃO, José d' - **A toponímia, espelho de memória e de identidade**. [Em Linha]. Prefácio ao livro *Os Nomes das Ruas (Toponímia da Freguesia de Ourique)*, da autoria de Henrique Figueira e Vítor Encarnação, edição de ORIK – Associação de Defesa do Património de Ourique, (2014), p. 5-6. Disponível em [www//URL: http://hdl.handle.net/10316/25931](http://hdl.handle.net/10316/25931)

ENCARNAÇÃO, José d' - **Os estudos epigráficos em Portugal**. [Em Linha]. BORGES (Airan dos Santos) e GOMES (Raquel de Moraes Soutelo) [org.], *Escrito para a Eternidade (A Epigrafia e os Estudos da Antiguidade)*, Appris Editora, Curitiba, (2018), p. 19-41. Disponível em [www//URL: http://hdl.handle.net/10316/48123](http://hdl.handle.net/10316/48123)

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' - **Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. — Subsídios para o Estudo da Romanização**. Coimbra, (2013). Disponível em [www//URL: http://hdl.handle.net/10316/578](http://hdl.handle.net/10316/578). [O número indica o número da inscrição no catálogo].